

África, Diáspora e o Mundo Atlântico na Modernidade: perspectivas historiográficas

*Amailton Magno Azevedo*¹

Resumo

Este artigo investiga as novas produções historiográficas que atribuem à África e à Diáspora um outro papel na formação da Modernidade e do Mundo Atlântico. Retiram o caráter de vitimização que sempre foi projetado à África Central e do Oeste em relação ao circuito transatlântico. Essas produções indicam uma nova tendência historiográfica, onde as vivências africanas e da Diáspora incidem na construção da cultura, da mentalidade moderna e da formação do Brasil. O antigo paradigma de pensar a Modernidade a partir do Estado Nação europeu e seu expansionismo unilateral cede lugar a um novo enfoque, em que o espaço e a história atlântica fundam-se a partir de experiências marcadas pela multipolaridade de situações, ambientes, negociações, cartografias, resistências e memórias.

Palavras-chave: África, Diáspora, Brasil e o Mundo Atlântico.

Abstract

This article investigates the most recent historical productions which give Africa and the Diaspora another role in the formation of the Modern and the Atlantic World. The victimization characteristic, which has always been projected to Central and Western Africa, has been taken away. These recent productions indicate a new historical trend in which the African experiences and the Diaspora influence the construction of the culture, the modern mentality and the formation of Brazil. The old paradigm of thinking modernity from the point of view of the European State Nation and its unilateral expansion gives place to a new focus; in which the Atlantic space and history are founded on the basis of experiences marked by a diversity of situations, environments, negotiations, cartographies, resistances and memories.

Keywords: Africa, Diaspora, Brazil and the Atlantic World.

¹ Doutor em História Social e professor do Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais, PUC-SP.

“Raptaram a princesa Dior Yacine!”

Num tom de preocupação, quatro mulheres surgem em primeiro plano na imagem emitindo várias vezes essa frase, para informar o rapto da princesa Dior Yacine pelo povo Cedido. O motivo do rapto: a recusa dos Ceddos em converterem-se ao islamismo. No filme *Ceddo*² sob direção do senegalês Ousmane Sembene, há a reconstrução da memória de um reino situado na África do Oeste durante o século XVII. Nesse reino imaginário o rei está investido de caráter divino, oriundo de uma linhagem e família rica e com prestígio. Governa o reino cercado de uma nobreza islamizada que o representa nas conversas com os outros pequenos régulos. Cercado de sua corte e da nova política baseada no islã, pressiona os Ceddos, um dos povos que compõem o reino, a se converterem. Recusando a alinhar-se à nova política, os Ceddos raptam a princesa Dior Yacine para estabelecer o início de um diálogo, e, para devolvê-la, vão exigir na negociação, além da não conversão, a continuidade de suas práticas religiosas baseadas na crença aos ancestrais.

Sem atender às exigências dos Ceddos o rei ordenará inúmeras tentativas de resgate da princesa, mas sem sucesso. Diante dos fracassos o rei sofrerá um golpe. É assassinado pelos islâmicos que passam a governar o reino e como primeira ação declaram a jihad contra os

Ceddos, convertendo-os forçadamente. Essa política de islamização impetrada contra os Ceddos coincide com a História do islamismo na África do Oeste quando da sua penetração expandindo a região da Hauçalândia.

A figura do religioso católico europeu aparece no filme negociando produtos e escravos com o reino sem conseguir interferir na sua política e cultura interna. A partir desse filme é possível perceber como os africanos não sofrem interferências significativas para desestruturar os seus valores culturais como a importância da palavra e da oralidade; o respeito ao homem mais velho; as decisões políticas tomadas entre os anciãos; os símbolos (cajados) que representam a crença nos antepassados.

As relações de conflito e negociação entre a cultura islâmica, os Ceddos e o catolicismo europeu ficam evidentes quando do retorno da princesa Dior Yacine do sequestro. Indignada com a morte do pai, Dior Yacine se alia aos Ceddos matando o líder religioso islâmico, retomando o poder do reino. Essa ação da princesa nos permite refletir que nem o islamismo e nem o catolicismo europeu darão o rumo na História do reino. É evidente que o diretor do filme propõe uma reconstrução que vai de encontro às suas perspectivas políticas e estéticas no tempo em que foi produzido, obedecendo a um projeto pautado pela descolonização. É um passado que projeta na contemporaneidade um ajuste de contas com a memória da África. No entanto, Ousmane Sembene, é considerado o pai do cinema

² Ceddo. Diretor Ousmane Sembene, Senegal, 1977.

africano anticolonial e é preciso levar em consideração o trabalho de pesquisa feito pelo diretor para rearranjar uma época.

Quando se compara o filme à literatura histórica há a confirmação de questões apresentadas nas imagens. Isso se manifesta: quando alguém quer fazer o uso da palavra, não pode dirigir-se diretamente ao rei, deve comunicar-se com o porta-voz que o representa; a coragem assumida pelo filho do rei que se dispõe a recapturar a princesa Dior Yacine – o que significa que, todo aquele que pretende um dia ser rei deve aparentar e provar sua coragem; o rei é absoluto mas governa com seus conselheiros; sua riqueza advém da terra; é o patriarca, o chefe do clã; a autoridade máxima.

A legitimação do poder está baseada na oralidade e ligada às ritualidades sagradas, como a que transforma o rei em ancestral, passa a habitar o mundo dos mortos e é (Xangô, Ogum)³ rememorado e reavivado pela tradição oral (Lukeni, Gezo)⁴. Os reis regiam seus exércitos para conquistar terras e coletar tributos. Residiam em palácios que simbolizavam poder e prestígio, era o centro cultural do reino ou do Império, produziam artefatos, controlavam o comércio e a burocracia.

³ SILVA, Alberto da Costa e. *A Manilha e o Libambo: a África e a escravidão de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2002.

⁴ M'BOKOLO, Elikia. *África Negra: História e Civilizações: até o século XIX*. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009. (Tomo I); SOUMMONI, Elissé. *O Daomé e o Mundo Atlântico*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

Entre os séculos XVI e XIX, a África não viveu processos colonizadores e os sistemas de pensamento político, econômico e cultural das sociedades africanas não haviam sido desestruturados⁵. Afirmção polêmica já que uma tradição historiográfica nos educou a pensar as relações da África com o mundo atlântico a partir de perspectivas que a sugerem apenas como acidente geográfico entre oriente e o ocidente. Os processos de desterramento, desterritorialização e escravidão que provocaram as ondas migratórias da Diáspora foram vistos como um projeto balizado pelo expansionismo do Estado Nação, da economia capitalista e dos desdobramentos da modernidade europeia. Sendo assim, as Áfricas e as Diásporas não são associadas a espaços e vivências portadores de memórias, saberes e fazeres.

Essa perspectiva nos condicionou a projetar imagens da África a partir de estranhamentos, imprecisões e estereótipos, tais como: África: ruído, obstáculo, depósito de escravos e objeto de uso e exploração. Ela é projetada na História a partir de marcos temporais exteriores à sua historicidade, ficando submetida às dinâmicas da expansão ocidental pautadas pelo capitalismo e pelos interesses dos Estados Nações europeus. Esse modelo de análise serviu mais para a ocultação das memórias das Áfricas do que o contrário, seja do ponto de vista geográfico, como um espaço acidental entre

⁵ APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

o Índico e o Atlântico, seja cultural, projetado como o continente habitado por monstros, gente deformada e estranha ao desenvolvimento do espírito e da História. Constrói-se um imaginário sobre a África no Ocidente como o não-lugar, a terra vazia, desertificada emocional e racionalmente, transitando entre o animalesco, o selvagem e a infantilidade, a ausência de memória.

Durante o imperialismo as imagens sobre África se modificam, mas não para libertá-la do estranhamento, pelo contrário, a imagem do negro-africano é classificada, tipificada a partir dos dispositivos científicos baseados na falsa crença de que haveria uma inferioridade racial. Não houve apenas a maquinaria de guerra e a invasão do espaço, mas a construção de discursos e representações que moveram a ação neocolonialista provocando a destruição do outro enquanto narrativa. Esses discursos e imagens etnocêntricos destruíram toda e qualquer possibilidade de haver história e humanidades na África⁶. Houve o desenvolvimento de uma atitude textual que se manifestou numa imaginação e representação estética, legitimando e autorizando o direito de invadir para consolidar uma pavimentação da História dos povos africanos.

Variadas estratégias foram utilizadas para forjar o discurso colonialista, como os relatos de viagem pré-imperialistas que prepararam o terreno servindo

de bússola para os olhos do Império⁷; literaturas de viagem e aventura que produziram discursos associando o negro às trevas, ao primitivo, à sensualidade e ao grotesco⁸; os discursos da museologia que catalogaram e elaboraram um saber onde as memórias africanas foram associadas a um passado fossilizado e morto, de expressões artísticas primitivas⁹.

No imaginário pós-colonial os conceitos que são atribuídos para pensar a África esbarram em superficialidades como o continente da destruição e morte, movendo-o para um espaço da memória onde habitam os desvalidos, os que não pertencem a esse mundo, os que devem ser salvos, socorridos em sua miséria abundante; pois ainda são incapazes de enfrentar seus próprios problemas. Portanto, o lugar da África na História é a margem, escapando às conquistas da hipermodernidade e do progresso ocidental. Há ainda um imperialismo da imagem e do espaço.

A historiografia e a filosofia africanas e da Diáspora têm desconstruído esses olhares, redefinindo horizontes de abordagem e interpretação sobre essas relações. Autores como Lin-

⁶ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁷ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império*: relato de viagem e transculturação. Trad. Jezio Hernani Bonfim Gutierrez. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

⁸ OLIVEIRA, Ana Cristina. *Continents Negros em She e The Story of an African Farm*. Lisboa: Roma Editora, 2005.

⁹ CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. *Teatro de Memórias, palco de esquecimentos*: culturas africanas e das diásporas negras em exposições. 2006. Tese (Doutorado em História)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

da Heywood¹⁰, John Thornton¹¹, Anthony K. Appiah¹², Alberto da Costa e Silva¹³, Elikia M'Bokolo¹⁴, Eliséé Soummouni¹⁵, Paul Gilroy¹⁶, Luiz Felipe de Alencastro¹⁷, Boubakar Barri¹⁸ e outros alertam sobre o papel que as Áfricas e as Diásporas tiveram na formação de novas memórias, saberes e fazeres no Mundo Atlântico. Os rumos da História Atlântica baseada no comércio escravista e outros produtos foram também impressos por reis africanos na sua relação com reis europeus, com mercadores europeus e brasileiros, nas migrações de milhões de escravizados que formaram a complexa rede de relações tangenciadas por tensões, disputas e negociações teatralizadas no filme *Ceddo*.

É possível identificar um ponto de convergência entre esses autores e suas

análises. Seria o papel que os reis africanos assumiram definindo rumos para o comércio de escravos tanto dentro como fora de seus reinos, seja no espaço da África central como na África do Oeste. E que essas relações redimensionam uma reflexão sobre a História da África escapando às balizas temporais tangenciadas por condicionamentos externos às suas historicidades¹⁹, pois os reis foram negociadores ativos nesse comércio, interferindo na formação do Mundo Atlântico, da Modernidade e do capitalismo comercial.

Outra questão sempre recorrente ao pensar as relações da África com o Mundo Atlântico entre os séculos XVI e XIX é o de partir de uma temporalidade pré-colonial com práticas culturais tradicionais. Valer-se dessa perspectiva é movê-la a uma temporalidade presa à expansão europeia no Atlântico. É como se a África tivesse adentrado ao terreno da História a partir desse evento em que se estabelecem contatos. A ruptura a esse modelo significa levar em consideração que as memórias e saberes africanos antecederam, preservaram-se e conviveram com culturas que mais se africanaram do que o contrário. As políticas dos Obá, Oni e Mani Congo na região da África Central e do Oeste revelam uma atitude que impediu uma interiorização da colonização.

A historiografia sobre a África Central avisa sobre sua contribuição e interferência na formação do Mundo Atlântico.

¹⁰ HEYWOOD, Linda M. *Diáspora Negra no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

¹¹ THORNTON, John. *A África e os africanos na formação do Mundo Atlântico – 1400-1800*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

¹² APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

¹³ SILVA, Alberto da Costa e. *A manilha e o Libambo: a África e a escravidão de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2002.

¹⁴ M'BOKOLO, Elikia. *África Negra: História e Civilizações: até o século XIX*. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009. (Tomo I)

¹⁵ SOUMMONI, Elissé. *O Daomé e o Mundo Atlântico*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

¹⁶ GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes; Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

¹⁷ ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes: a formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

¹⁸ BARRY, Boubacar. *Senegâmbia: o desafio da história regional*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

¹⁹ M'BOKOLO, Elikia. *África Negra: História e Civilizações: até o século XIX*. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009. (Tomo I).

co. Representando quase a metade dos escravos que saíram da África para as Américas, a cultura, a economia e a política dos reinos dessa região se expandiram para a diáspora negra fomentando a formação de novos saberes e fazeres²⁰.

Entre os diferentes reinos da África Central, o do Congo foi um daqueles que imprimiu forte relação no espaço atlântico almejando uma política expansionista para além das fronteiras internas, o que foi praticado com os europeus, sobretudo com os portugueses. A historiografia africana reconstruiu a memória do reino, levando em consideração na abordagem as dinâmicas internas para sondar os rumos e tons da cultura e política da época de nascimento do Congo. Isso significou romper com uma visão aporuguesada sobre a sua história, construídas a partir dos relatos de viajantes. Sua fundação ainda é bastante desconhecida, no entanto, na tradição oral o ponto de fundação do Congo estaria localizado em Mbanza Kongo ou São Salvador (nome cristão), tendo em Nimi a Lukeni, o primeiro Manicongo na segunda metade do século XIV. A produção de cobre e sal tornou o Congo uma força política e econômica não só interna, mas também mundialmente. Esse poder também se converteu em força militar o que permitiu a expansão para o norte e sul do reino estendendo-se do Congo atual ao norte de Angola²¹.

²⁰ HEYWOOD, Linda. *Diáspora Negra no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

²¹ M'BOKOLO, Elikia. *África Negra: História e Civilizações: até o século XIX*. Salvador: EDUFBA; São

Na região da África Central, o comércio transatlântico revela uma intensa disputa entre europeus, entre reis africanos, e entre europeus e africanos, configurando uma complexa rede de tensões e conflitos impossibilitando encontrar formas de dominação duradouras, hegemônias perenes deste ou daquele rei africano, deste ou daquele país europeu.

[...] nem todos os brancos que chegavam do mar eram portugueses, e os povos que viviam nas cercanias no litoral logo aprenderam a distingui-los. No início, eram raros: um ou outro barco castelhano ou francês, que vinha em busca de ouro e que muitas vezes se contentava com malagueta, ambar, almíscar, pelos coutors, marfim, papagaios, macaquinhos, gatos de algália, paus tintórios e algum escravo²²

A presença de outros europeus incomodava os portugueses, pois comprometia o monopólio de suas transações no Atlântico Sul com os reis africanos. Diante desses cenários onde castelhanos e franceses desejavam ampliar suas transações comerciais, os portugueses recorrem aos reis africanos para impedir essas relações²³.

Ao Manicongo interessava essa aliança com os portugueses já que almejava ampliar as relações de comércio com o mundo atlântico e fortalecer interna-

Paulo: Casa das Áfricas, 2009. (Tomo I).

²² SILVA, Alberto da Costa e. *A Manilha e o Libambo: a África e a escravidão de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2002, p. 451.

²³ Ibidem.

mente o reino do Congo diante de outros reinos fronteiriços ao norte, ao sul e ao leste, rumo ao interior da África Central. E os portugueses que conviviam com os povos dessa região sofriam um processo de africanização, o que os distanciava da cultura lusitana, por mais que quisessem se gabar de uma ligação com a Metrópole. Seus filhos mestiços eram um nítido sinal de que a África estava mais dentro deles do que o distante Portugal.

Quando, na segunda década do século XVI, Afonso I combateu os castelhanos e franceses a pedido dos portugueses, não significava uma obediência nem mesmo uma regra. Essa postura do reino do Congo visava mundializar as relações com Europa e Américas. Essa política expansionista do reino do Congo é objetivada também por Afonso II, depois de assumir o trono em 1587, quando se opõe à construção de uma fortaleza pelos portugueses para impedir que os holandeses comercializassem naquela região. Algumas décadas mais tarde, em 1641, Nimi Lukeni, ou Álvaro VI, estabelece uma aliança com os holandeses para expulsar os portugueses. Essa tinha objetivo distinto: aos holandeses interessava disputar o Atlântico Sul com os lusitanos, e ao reino do Congo interessava romper a secular aliança com os lusos, fortalecer-se internamente e restaurar a unidade do reino.

Essa aliança com os holandeses foi também uma política adotada pela rainha Jinga do reino de Matamba, interessada em abrir um corredor para o Atlântico para comercializar escravos em troca

de armas e prestígio. Mal os holandeses saíram de Luanda, Jinga voltou a negociar com os portugueses, porque não desejava ver seu reino invadido. Tinha também o intuito de reaver sua irmã, Dona Bárbara, feita refém pelos portugueses. Retoma o culto do catolicismo, faz um acordo com os mesmos e vê o retorno de Dona Bárbara que assumiria o poder após a sua morte²⁴.

Não foram apenas os europeus que imprimiram uma relação com os reis africanos. Os mercadores brasileiros e indígenas também estreitaram relações. Seja como “bucha de canhão”, no caso dos índios trazidos pelos holandeses para combater os portugueses e seus aliados africanos no controle dos mares do sul; seja como combatentes que, aliados aos portugueses, passaram a pressionar uma nova relação com a África Central²⁵. “Era do Brasil que provinham os socorros, tanto para os holandeses quanto para os portugueses, socorros que não faltavam contingentes de brasilienses, isto é, de índios e mamelucos”²⁶.

São essas redes de relações comerciais, econômicas, militares e políticas que informam sobre uma pluralidade de memórias e vivências que tecem a história do Atlântico Sul como um espaço aberto, descontínuo, de múltiplas tensões e disputas, de diferentes saberes e

²⁴ ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes: a formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 279.

²⁵ SILVA, Alberto da Costa e. *A Manilha e o Libambo: a África e a escravidão de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2002, p. 487.

²⁶ *Ibidem*, p. 486.

com dinâmicas temporais específicas de africanos, europeus, brasileiros-indígenas.

Em relação à África da Costa Oeste a historiografia africana e africanista também redimensiona o papel ativo dos reis no comércio transatlântico. Negociavam escravos e outros produtos, compreendiam as línguas europeias, comunicava-se por correspondência com reis europeus entre outras ações.

No Atlântico norte, na região da Senegâmbia o comércio de escravos e de ferro ditava os fluxos do comércio entre mercadores e soberanos da África. E ali, os portugueses não conseguiram imprimir um controle, sendo derrotados nos mares por franceses, ingleses e holandeses. Se as disputas nos mares eram questões a serem resolvidas entre os europeus, em terra “os africanos controlavam os mercados e dirigiam o comércio contra as aspirações exclusivistas dos portugueses [...] Se o rei queria ferro e os barcos lusos não o vendiam, iam comprá-lo aos franceses”.²⁷ Essas ações dos reis africanos desconstróem a ideia de passividade e descontrole da política interna do reino.

Outro exemplo da atitude ativa de interferência no Mundo Atlântico era a política que os reis adotaram de enviar seus filhos ou súditos à Europa para que

se informassem sobre quem e o que estavam lidando. E isso fora utilizado pelos reis, na segunda metade do século XVII, para estimular conflitos entre os europeus, já que sabiam dos seus interesses²⁸.

No século XVIII, o escravo Gustavus Vassa reconstruiu, no seu livro *Los Viajes de Equiano*, suas memórias sobre a África, a escravidão e o mundo Atlântico.

La parte de África conocida por el nombre de Guinea, en la cual se efectúa el comercio de esclavos, se extiende a lo largo de la costa por algo más de 3.400 millas desde Senegal hasta Angola, e incluye una diversidad de reinos. De ellos, el de mayor envergadura es el reino de Benin, tanto por su extensión como por su riqueza, la fertilidad e y labranza de sus tierras, el poder de su rey, el número de sus habitantes y el temperamento guerrero de éstos.²⁹

À história do reino do Benim é atribuída uma imagem de força, riqueza e glória. São memórias da sua infância “en Eboe” que emergem e o reconfortam diante da violência da escravidão vivida na embarcação. Vassa prefere esse campo de conforto, pois eram as vivências que antecederam a dor do desterramento e deslocamento da sua cultura provocado pelo tráfico. Essas lembranças, no entanto, permitem-nos ir penetrando na vida cotidiana do reino, suas instituições, costumes e valores.

²⁷ SILVA, Alberto da Costa e. *A Manilha e o Libambo: a África e a escravidão de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2002, p. 452.

²⁸ *Ibidem*, p. 454.

²⁹ VASSA, Gustavus. *Los viajes de Equiano*. Havana: Editorial Arte y Literatura, 2002, p. 5.

Nuestra vida es enteramente simple, ya que, hasta el presente, los nativos desconocen los refinamientos culinarios que corrompen el paladar: bueyes, chivos y aves constituyen la mayor parte de su alimento y son, a la vez, la principal riqueza del país e los artículos fundamentales de su comercio. Las carnes se guisan en cazuelas: para darles sabor a veces usamos pimienta y otras especias y empleamos cenizas de madera a modo de sal. Nuestros vegetales son principalmente plátanos, ñames, frijoles y maíz.³⁰

Junto aos costumes culinários rela-ta os costumes de higienização na relação com os alimentos: “siempre nos lavamos las manos antes de tocar los alimentos; de hecho, nuestra pulcritud es extrema en todo momento, pero aquí resulta una ceremonia indispensable”³¹.

Essas práticas estavam também vinculadas a rituais religiosos, na medida em que o ato de alimentar-se era também um ato de comunicação e respeito aos ancestrais, oferecendo uma pequena quantidade de bebida derramada ao chão e uma porção de comida deixada em determinados lugares para os antepassados para proteger e livrá-los do infortúnio³².

A arquitetura das moradias obedecia mais à funcionalidade do que ao ornamento estético. Cada chefe de família possuía “un gran pedazo rectangular de terreno” para organizar e administrar a vida da aldeia. Como responsável pela organização da vida cotidiana, era do

chefe a moradia localizada no centro do terreno para demonstrar seu prestígio e autoridade diante dos demais habitantes, de suas mulheres, filhos e escravos.

Vassa faz um ajuste de contas com sua própria história que havia ficado num tempo marcado por lembranças de um povo alegre e afável como “las principales características de nuestra nación”; onde “los nativos” acreditavam “en la existencia de un Creador de todas las cosas”; onde os médicos e curandeiros possuíam conhecimentos para livrar os doentes de suas enfermidades praticando “sangrías aplicando ventosas y eran muy diestros en curar heridas y extraer venenos”³³, ou ainda revelando o seu treinamento militar para se transformar em um guerreiro desde a mais tenra idade seguindo a tradição de seus antepassados³⁴.

Com a escravização, passa a conviver com os horrores do Atlântico. Os sentimentos de desconfiança, incerteza, sofrimento e temores diante da nova realidade dão o tom das experiências vividas por Vassa. Ele testemunha a violência praticada pelos brancos em relação aos escravos definindo-os como “salvaje” posto a violência com que praticavam a escravidão: “De inmediato, varios miembros de la tripulación me manosearon y me revisaron para comprobar si estaba sano; tuve el convencimiento de que había entrado en un mundo de malos espíritus que iban a matarme”³⁵.

³⁰ VASSA, Gustavus. *Los viajes de Equiano*. Havana: Editorial Arte y Literatura, 2002. p. 8

³¹ *Ibidem*.

³² *Ibidem*.

³³ VASSA, Gustavus. *Los viajes de Equiano*. Havana: Editorial Arte y Literatura, 2002, p. 11, 13 e 16.

³⁴ *Ibidem*, p. 24.

³⁵ *Ibidem*.

Na cultura de Vassa, a forma como é tratado, o ambiente do navio, a prática do tráfico estavam associados ao mundo dos infortúnios. Se para os brancos significa comércio e lucro, para ele significava o mundo dos espíritos malévolos. O seu relato traz a memória de outros povos escravizados que também expressam pavor diante da escravidão: “una multitud de negros de todos los tipos encadenados unos a otros con expresión de abatimiento y pesar en cada uno de sus rostros”³⁶.

São expressões que mostram a tristeza, resultado do abandono forçado da África. A escravidão provocaria uma ruptura temporal na memória dos escravos. Haveria um tempo do antes, com registro das vivências culturais da África, e o outro tempo marcado pelo agora, do deslocamento e renovação de sentidos. Construir percepções no tempo da escravidão significava confundirem-se com os códigos dos brancos, suas atitudes, valores e sentimentos. Vassa expressa temores e dúvidas em relação ao comportamento agressivo dos traficantes. “Les pregunté si no habríamos de ser comidos por aquellos hombres blancos de aspecto tan horrible, caras rojas y pelo suelto”³⁷.

Um temor que para Vassa fazia sentido, pois ele estava vivendo as privações, as violências, a desesperança e a crueldade. Diante disso, a morte não era descartada como uma possibilidade de escapar à dor. Ele “deseaba que la última amiga, la muerte” viesse reconfortar-

lhe. Adotar essa perspectiva significava perder a esperança de um dia retornar à África. Agora era encarar os “sufrimientos que son inseparables de este maldito comercio”³⁸.

O novo Mundo, o Atlântico, apresentava-se cotidianamente como a nova história a ser vivida. Contatos com os índios do Caribe, viagem à Inglaterra, aos Estados Unidos, o trabalho escravo, o desejo de liberdade transformariam Vassa em outro homem com novos sentidos. Seria um homem da Diáspora negra, tendo que inventar estratégias, elaborar saberes para sobreviver diante dos desafios da escravidão, dos negócios nos mares, do cristianismo, da industrialização inglesa e do capitalismo britânico. Depois de comprar sua liberdade, Vassa parte de fato para a exploração do mundo: Itália, Turquia, Portugal, no Ártico e finalmente na Nicarágua onde se depara com os índios Mosquito. Suas impressões revelam imagens dos Mosquito e suas práticas de poder, o impacto da escravidão sobre suas vidas e à incorporação do cristianismo modificando parte da cultura.

[...] cuatro indios mosquito que eran jefes en su propio país y que unos comerciantes ingleses habían traído aquí con fines egoístas. Uno de ellos, un joven de unos dieciocho años, era hijo del rey de los mosquito y aquí lo habían bautizado con el nombre de Geoge.³⁹

³⁶ Ibidem, p. 35.

³⁷ Ibidem.

³⁸ VASSA, Gustavus. *Los viajes de Equiano*. Havana: Editorial Arte y Literatura, 2002, p. 39.

³⁹ Ibidem, p. 141.

Múltiplas vivências e temporalidades que ao coexistir vão dando forma ao Mundo Atlântico, como um espaço pan-euro-afro-americano. Ao desembarcar, em 1775, na Jamaica, Vassa oferece pistas de como os índios também foram coconstituidores desse espaço transcultural manifestado nos saberes e fazeres

[...] los nativos eran fuertes y de temperamento guerrero, y en especial se jactaban de no haber sido nunca conquistados por los españoles. Eran grandes bebedores de bebidas fuertes, cuando las podían conseguir... Sin embargo, en lo que a honestidad se refiere, parecían ser absolutamente superiores a cualquier otra nación de las que había conocido.⁴⁰

Vassa é um observador astuto. Consegue penetrar no mundo sensível dos índios para explicar e demonstrar as particularidades da cultura. Não analisa a partir de impressões eivadas de estereótipos negativos muito comuns nos relatos de viagem de europeus que os descreviam como exóticos, inocentes, infantis, esvaziados de crença e alma.

Vassa passou a significar na História da diáspora negra no Atlântico um dos precursores do movimento abolicionista ao questionar os castigos, as violências, o sofrimento, as dores da escravidão. Propunha liberdade de expressão e fim da escravidão. Antes de se transformar em um homem letrado, a cultura oral permitiu uma interpretação contrária ao cativo.

⁴⁰ Ibidem, p. 145.

A escrita veio publicizar suas ideias na Inglaterra do século XVIII, contribuindo na luta antiescravagista. Em 1776, estava se preparando para retornar à África, em Serra Leoa, quando foi destituído por se opor ao modo como a colônia seria fundada, em interesses próprios dos funcionários da expedição. Foi um homem comprometido com a causa da justiça e da liberdade, “[...] identificou-se com o criminoso condenado, o necessitado, o pobre [...]”⁴¹.

Na região de origem de Vassa, na África do Oeste, havia inúmeros outros reinos e Estados, além do Benim, que almejavam construir relações no mundo Atlântico para fortalecer internamente suas economias. Os Estados de Ajuda, Adra, Popo, Daomé, Oió, entre outros, foram os que transacionavam escravos com os ingleses, franceses, dinamarqueses, holandeses, portugueses e brasileiros. Durante os séculos XVIII e XIX esse comércio se intensificou aumentando o número de homens e mulheres escravizados para as plantações americanas. Em relação ao Brasil, além dos reinos do Congo e N’Dongo da região da África Central, o Estado do Daomé foi o que mais estreitou laços via comércio de escravos e azeite de dendê, sobretudo no século XIX.

As memórias do Estado do Daomé revelam os intensos conflitos internos

⁴¹ LINEBAUGH, Peter; REDIKER, Marcus. *A História de Muitas Cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 260.

entre reis e os conflitos destes com os europeus e brasileiros. A partir das memórias de seus reis é possível também identificar a construção de um projeto de Estado à africana via comércio transatlântico. Entre o final do século XVIII e primeira metade do século XIX, o Estado do Daomé fora governado por dois reis, Adandozan (1797-1818) e Gezo (1818-1858) que, mesmo assumindo posturas diferentes, acionaram dispositivos políticos, diplomáticos e comerciais para tecer uma presença marcante no mundo Atlântico.

As memórias de Adandozan foram construídas sob diferentes óticas, entre as quais a figura de um rei que foi injusto, autoritário, apegado demasiadamente ao poder. Essa imagem negativa de Adandozan vincula-se a uma versão europeizada, já que nos relatos de viajantes europeus, ele era arredio a estrangeiros, chegando a capturar portugueses tornando-os cativos e exigindo resgate. Nos relatos dos europeus, Adandozan surgia como um tirano provocando uma espécie de terror no imaginário dos europeus⁴². Internamente a memória de Adandozan também não se insere no panteão dos grandes reis, pois rompe com certas tradições, como a proibição de sacrifícios humanos para oferecer aos ancestrais. Elissé Soummoni relativiza essa memória de tirano atribuída a Adandozan, politizando suas ações diante das contingências colocadas no período de seu governo.

⁴² SOUMMONI, Elissé. *O Daomé e o Mundo Atlântico*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001, p. 65.

Diante da postura arredia de Adandozan na relação com mercadores do Mundo Atlântico e do desejo do rei Gezo em substituí-lo, haverá uma espécie de preparação de golpe para tirá-lo do poder. Gezo apresenta-se como um novo e diferente negociador buscando reatar os laços comerciais, apoiado por Francisco Félix de Souza, um brasileiro traficante de escravos, mais interessado na continuidade dos negócios.

Durante sua ascensão, Gezo percebeu que no século XIX o comércio de escravos estava em declínio por força da proibição do tráfico movida pelos ingleses. Gezo comercializou escravos até quando pode. Com a proibição, passou a adotar o azeite de dendê como complemento ao tráfico, renovando sua política econômica. Por pressão inglesa e com o fim do tráfico de escravos, o reino do Daomé dedicou-se apenas ao comércio do dendê. Pressinado pelos ingleses, por força de um bloqueio econômico, Gezo usa das relações próximas que tinha com os franceses para negociar o fim das sanções sobre o seu Estado. Ao assinar um tratado em que se comprometia com o fim do tráfico de escravos, Gezo consegue acabar com o bloqueio dedicando-se a direcionar o Daomé para a produção e exportação do azeite de dendê.

Ambos os reis do Daomé não tiveram postura passiva diante da presença dos europeus. Ao contrário, Adandozan tinha uma postura não amistosa com os portugueses e Gezo assumiu uma postura de negociar com ingleses e franceses para impedir que o reino entrasse em

declínio econômico. O reino do Daomé, apesar dessa transição comercial, continuou sendo um reino forte até a reconfiguração da relação entre África e Europa através do imperialismo.

Referências bibliográficas

ALENCASTRO, Luis Felipe. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Trad. Vera Ribeiro. Rev. de trad. Fernando Rosa Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BARRY, Boubacar. *Senegâmbia: o desafio da história regional*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. *Teatro de Memórias, palco de esquecimentos: culturas africanas e das diásporas negras em exposições*. 2006. Tese (Doutorado em História)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/ResultadoPesquisaPeriodicoForm.do>>. Acesso em: 11 ago. 2010.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândio Men-

des; Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

HEYWOOD, Linda M. *Diáspora Negra no Brasil*. Trad. Ingrid de Castro Vompean Fregonez, Thaís Cristina Casson e Vera Lúcia Benedito. Rev. Oswaldo Faustino. São Paulo:Contexto, 2008.

LINEBAUGH, Peter; REDIKER, Marcus. *A Hidra de Muitas Cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário*. Trad. Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

M'BOKOLO, Elikia. *África Negra: História e Civilizações: até o século XIX*. Tradução de Alfredo Margarido; revisão acadêmica da tradução para a edição brasileira de Daniela Moreau e Valdemir Zamparoni; Bruno Pessoti e Mônica Santos. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009. (Tomo I)

M'BOKOLO, Elikia. *África Negra: História e Civilizações: do século XIX aos nossos dias*. Tradução de Manuel Resende. Rev. científica Alfredo Margarido e Isabel Castro Henriques. CESA-ISEG – Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento, Instituto Superior de Economia e Gestão; CEA-FLUL – Centro de Estudos Africanos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa: Edições Colibri, 2007. (Tomo II)

OLIVEIRA, Ana Cristina. *Continentes Negros em She e The Story of an African Farm*. Lisboa: Roma Editora, 2005.

VASSA, Gustavus. *Los viajes de Equiano*. Traducción de Carlos López Cruz. Havana: Editorial Arte y Literatura, 2002.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império: relato de viagem e transculturação*. Trad. Jezio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

Submetido em: 24 de Agosto de 2010

Aprovado em: 8 de Setembro, 2010

RIBEIRO, Anderson Oliva. A história da África nos bancos escolares; representações e imprecisões na literatura didática. *Estudos afro-asiáticos*, ano 25, n. 3, p. 421-461, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v25n3/a03v25n3.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2009.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Alberto da Costa e. *A Manilha e o Libambo: a África e a escravidão de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2002.

SILVA, Alberto da Costa e. *Francisco Félix de Souza, mercador de escravos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: EdUERJ, 2004.

SOUMMONI, Elissé. *O Daomé e o Mundo Atlântico*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

THORNTON, John. *A África e os africanos na formação do Mundo Atlântico – 1400-1800*. Trad. Marisa Rocha Mota. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.